

Convicção e responsabilidade

MARCO AURELIO RUEDIGER*

O resultado do primeiro turno das eleições do Rio evidencia o surgimento de um novo contexto político na cidade. O principal destaque foi, sem dúvida, a avassaladora derrota do PMDB, representado pelo candidato do prefeito, que, mesmo com a força da máquina e o maior volume de tempo e doações, ficou de fora do 2º turno. O eixo central dos debates, a despeito de propostas pontuais, foi a emergência do voto baseado em valores. O PMDB era o partido da falência do estado, de figuras rejeitadas da política nacional e do descaso com eleitores e indivíduos. Note-se que a discussão e formação de senso comum sobre valores foi acelerada ao seu zênite pelas redes sociais. O resultado não poderia ser outro.

Porém, neste segundo turno um outro critério será necessariamente adicionado. Trata-se da capacidade de convencer a sociedade de que se pode produzir resultados. Não bastará um embate somente de valores pois, a despeito de profundas diferenças de visões de mundo, os candidatos são ficha limpa e não tem nada que os desabone, a não ser para os campos opostos, em suas respectivas perspectivas ideológicas. A capacidade de resultados cala fundo numa sociedade angustiada com déficits de cidadania refletidos em serviços públicos escassos, desemprego e violência crescentes. A factibilidade das propostas e sua aderência a essas angústias será um elemento fundamental.

Isso significa que tanto Marcelo Crivella quanto Marcelo Freixo precisarão, para além da formalização de alianças com partidos e candidatos derrotados, buscar não só um diálogo franco de ideias com um eleitorado que demonstrou uma ampla adesão a princípios como "ficha limpa", republicanismo (em oposição ao patrimonialismo, marca da política brasileira) e pluralismo, mas sobretudo demonstrar a capacidade de execução do que prometerem.

O sociólogo alemão Max Weber no texto "A política como vocação", não por acaso apresentado a estudantes radicalizados após a derrota na primeira guerra, contrapunha o que denominava de ética da convicção à ética da responsabilidade. A preocupação dele eram as consequências das escolhas e ações dos agentes políticos. Na primeira, as intenções e ações estariam em consonância com valores que os indivíduos entenderiam como inegociáveis, por mais idealizados e utópicos que fossem, ainda que generosos em suas intenções. Na ética da responsabilidade, o político teria de pesar a factibilidade da proposta e adequar ou mesmo rejeitar uma escolha de política, para manter a razoabilidade e a governabilidade.

O 2º turno tende a ser um momento em que os candidatos precisarão mostrar o quanto estão preparados para conduzir o Rio neste novo contexto de demanda crescente por "valores", enquanto calibram suas convicções, com a possibilidade concreta de implementá-los. ●

(*) Diretor da FGV-DAPP